

A CIDADE QUE ABRAÇA UMA ROCHA: HISTÓRIAS DE PENEDO DO RIO SÃO FRANCISCO, ALAGOAS

Maria Angélica da Silva¹, Bianca Machado Muniz²

1 - Arquiteta, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL;
2 - Arquiteta e Urbanista, professora do Centro Universitário Tiradentes – Alagoas
mas@pq.cnpq.br

Resumo: Este texto aborda a cidade de Penedo, situada no estado de Alagoas, e suas relações históricas, urbanísticas, arquitetônicas e intangíveis com o rochedo que lhe deu o nome. Penedo foi fundada durante o período colonial e foi uma das primeiras ocupações do que era a antiga capitania de Pernambuco, da qual foi desmembrado o estado de Alagoas. Atualmente o centro histórico de Penedo é tombado como patrimônio nacional. Este local está situado sobre a rocha da qual foi extraído material para a construção das edificações mais antigas e importantes do lugar, como o convento franciscano seiscentista de Santa Maria Madalena e o forte Maurício, levantado pelos holandeses também no século XVII. Embora destruído, o forte mantém-se vivo na memória dos habitantes da cidade. Examina-se a importância da rocha para o lugar, no passado e no presente, influenciando seu desenho urbano, a fisionomia dos seus edifícios e até a toponímia adotada para a cidade. Para o futuro, levanta-se a possibilidade da rocha ser reconhecida como patrimônio natural e cultural.

Palavras Chave: patrimônio, paisagem, Alagoas, história urbana

Abstract: THE CITY THAT EMBRACES A ROCK: STORIES FROM PENEDO DO RIO SÃO FRANCISCO, ALAGOAS. This text presents the town of Penedo located at Alagoas state and its historical, urban, architectonic and intangible relations with the rock that gave its name. Penedo was founded in the colonial period, and was one of the first settlements of the captaincy of Pernambuco from what it was broken up the present state of Alagoas. Nowadays its historical centre is listed as national heritage. The place is located over a rock from what it was extracted the material for the most of the old and important buildings of the town as the old Franciscan friary of St. Mary Magdalene and the fortress Maurits built by the Dutch, both in the 17th century. The latter was destructed in the same century but remains alive in the memory of the inhabitants of the town. The paper examines the importance of the rock for the place on the past and in the present, influencing the urban drawing, the physiognomy of the buildings, and even the toponomy adopted for the town. And, for the future, it raises the possibility of the recognition of the rock as a natural and cultural heritage.

Key words: rock as heritage, urban history of Penedo, fort Maurits, the friary of St. Mary Magdalene

1. INTRODUÇÃO

Para se erguer uma cidade, é necessário encontrar um lugar. No passado, quando as máquinas ainda não transformavam a natureza de forma tão dramática, era preciso aconselhar-se com o sítio, ou seja, observar detidamente se os terrenos eram férteis, onde se buscar a água, que caminhos ligariam o novo lugar a outros, a trajetória dos ventos, o regime das chuvas, a topografia e certamente os locais de onde extrair a matéria bruta para a construção dos monumentos e habitações. Portanto a pedra.

Penedo, cidade da qual serão narrados alguns fatos de seu percurso no tempo (Figura 1), situa-se a 171km da capital do estado de Alagoas, Maceió. Ela chega aos dias de hoje como importante referência histórica, tendo seu núcleo central tombado como monumento nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A história desta pedra e da cidade que a abraçou se inicia ainda em meados do século XVI, quando o local era um povoado. De fato, um dos três polos que definiram a ocupação do território alagoano (Figura 2), antes parte sul da capitania de Pernambuco.



Figura 1. Penedo hoje. Fonte:

<https://sipealpenedo.files.wordpress.com/2011/10/panorc3a2mic-a-do-municc3adpio-f-01-vista-ac3a9rea-do-conjunto-arquitetc3b4nico-do-municc3adpio-penedo-al1.jpg>

Esta relação íntima entre a cidade e a pedra que lhe serve de base, surgiu, portanto com a fundação do próprio núcleo urbano. Na ocasião, os portugueses procuravam um sítio alto que consideravam mais defensável. Não se sabe ao certo quando aconteceu a chegada dos primeiros colonos mas datas que referenciam a fundação do povoado variam de 1522 a 1555. É possível que o primeiro donatário de Pernambuco tenha acessado o local quando buscava expulsar corsários franceses, apaziguando os gentios e deixando colonos para manter a ocupação portuguesa. De qualquer modo, nos vários relatos dos que investigaram a questão, é

comum aparecer a pedra, ou penedo, como lugar que inaugurou a ocupação do lugar pelos colonos¹: “A origem do nome Penedo vem de uma rocha viva, onde está assentada à margem esquerda do rio, com ramificações até Paulo Afonso. Mesmo assim, por longos anos teve o povoado o nome de São Francisco” (VALENTE, 1957, p. 11).

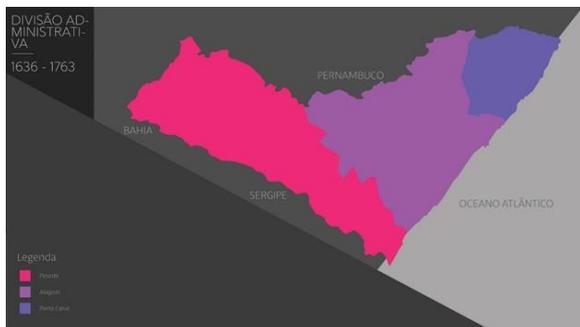


Figura 2. Mapa de ocupação territorial considerando os limites atuais do Estado de Alagoas. Fonte: Adaptado a partir de LIMA, 1992.

Sobre a pedra e a olhar para o rio São Francisco, se estabeleceu a vila de mesmo nome. A pedra foi acompanhando a história, servindo como alicerce, determinando os vencedores de contendas, e doando seus fragmentos para construir e adornar aquele lugar urbano que se desenvolvia à sua sombra e ao longo do curso d'água. Mas a pedra venceu o rio: ao nome de vila São Francisco foi acrescentado a palavra Penedo e depois o local passou a ser definitivamente nomeado apenas como Penedo.

O apanhado encontrado na Enciclopédia do Municípios do IBGE publicada em 1956 sobre diversos autores e suas hipóteses acerca da fundação da povoação inicial, nos serve aqui para ilustrar a questão. Segundo crônicas, o primeiro donatário, no segundo quartel do século XVI, chegando ao rio São Francisco, navegou algumas léguas acima, até a primeira elevação existente em suas margens. Aí, no entorno da grande rocha, fundou a povoação. O Cônego Teotônio Ribeiro, estudioso da história de Penedo, assim se expressa: “10-10-1545 – Transpõe pela primeira vez a barra do São Francisco, Duarte Coelho Pereira, deixando iniciado um povoado para traz da Rocheira do Penedo” (Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1956, p. 124).

1 Segundo relato de Frei Vicente de Salvador, Duarte Coelho, primeiro donatário de Pernambuco percorreu a costa de sua Capitania até o Rio São Francisco expulsando franceses, antes de voltar para Portugal: “Com estas e outras vitórias, alcançadas mais por milagres de Deus, que por forças humanas, cobrou Duarte Coelho tanto ânimo, que não se contentou de ficar na sua povoação pacífico, senão ir-se em suas embarcações pela costa abaixo até o rio de S. Francisco, entrando nos portos todos de sua capitania, onde achou naus francesas, que estavam ao resgate de pau-brasil com o gentio, e as fez despejar os portos, e tomou algumas lanças e franceses, posto que não tanto a seu salvo, e dos seus, que não ficassem muitos feridos, e ele de uma bombardada, de que andou muito tempo maltratado, e contudo não se quis recolher até não a limpar a costa toda destes ladrões, e fazer pazes com os mais dos índios, e isto feito se tornou para a sua povoação” (SALVADOR, 1982, p. 118).

Apesar da impossibilidade de marcar com exatidão quando se deu a fundação inicial, há um consenso de que o entorno da rocha ou penedo tenha sido o local escolhido. No mesmo lugar se deu a concretização da ocupação quando no ano de 1560, o segundo donatário de Pernambuco, Duarte Coelho de Albuquerque, fundou uma feitoria para vigilância do gentio no alto desta rocha, onde já deveria haver algumas moradias. Esta se tornou, portanto, a data mais frequentemente referenciada para marcar o início que originou a atual cidade de Penedo², de onde se percebe também a importância da grande rocha nestes primeiros anos da povoação.

A existência de um sítio alto marcava um local que reunia várias das características procuradas pelos portugueses ao fundar uma povoação. Elevada em relação ao seu entorno, permitia não apenas a visualização dos arredores, mas também constituir-se num local mais defensável. No caso de Penedo, tratava-se da primeira elevação da margem direita esquerda do rio, este por sua vez, muito utilizado para a travessia da capitania de Pernambuco para a da Bahia. Além disso, a base da rocha oferecia um porto para receber embarcações.

A ambiência da vila em seus primórdios guarda o privilégio de ter sido cuidadosamente registrada ainda no século XVII. Ela pode ser acessada através das imagens legadas por Frans Post (Figura 3), pintor que fez parte da comitiva do conde João Maurício de Nassau, que administrou as terras ocupadas pelos holandeses a partir de 1637³. O conde ligava-se a um contexto europeu voltado aos processos representacionais da realidade, ou seja, na busca pelo registro fiel e detalhado do mundo que lhes cercava que caracterizou sobretudo os Países Baixos no século XVII, levando esta região não só a realizar o período de ouro da pintura à época mas também engajarem-se nas investigações acerca de lunetas e microscópios. Esta obsessão pela descrição textual e imagética e o apreço à arte fez propagar seus efeitos até àquela pequena vila que marcava os limites do domínio holandês na América Portuguesa no século

2 Cf.: MÉRO, 1974:24; CAROATÁ, 1872:2-3; VALENTE, 1957:9. Também Frei Vicente de Salvador abordou a viagem que o donatário realizou ao rio São Francisco para fazer guerra ao gentio que vinha importunando os colonizadores e seus escravos: “E assim, tanto que chegaram a Pernambuco, e tomou Duarte Coelho de Albuquerque posse da sua capitania, que foi na era de mil quinhentos e sessenta, logo chamou a conselho os homens principais do governo da terra, e se assentou entre todos, que se elegeisse por general da guerra Jorge de Albuquerque, o qual aceitando o cargo começou logo a fazer assim aos inimigos do cabo de Santo Agostinho, saindo-lhes muitas vezes ao encontro aos seus assaltos, matando, e ferindo a muitos, com que já deixavam alargar-se os brancos, e viver em suas granjas, como aos do rio de São Francisco, aonde foi em companhia de seu irmão, e neste militar exercício se ocupou cinco anos” (SALVADOR, 1982, p. 162).

3 Entre as imagens realizadas por Frans Post, estão “o Rio São Francisco”, realizada durante a permanência do artista no Brasil. Nela, estão representados o rio, e na margem oposta, a vila São Francisco com o forte já sendo representado sobre a Rocheira. Outra imagem do mesmo autor, bem semelhante a esta primeira, foi confeccionada para compor o livro “Rerum per octenium...” de Gaspar Barléus, onde já é representada também o forte sobre a Rocha. As principais diferenças se devem à técnica empregada, e ao fato desta segunda mostrar o momento em que os lusos espanhóis fogem em pequenas embarcações assemelhadas aos atuais *stand up paddle*.

XVII. Graças a este fato, a vila e sua rocha foram primorosamente retratadas.

Nesta ocasião, a vila foi invadida pelos holandeses e mais uma vez a pedra assumiu um papel decisivo. Os invasores chegaram à vila São Francisco no ano de 1637, comandados por Maurício de Nassau em perseguição ao conde Bagnuolo, à frente das tropas luso-espanholas. Ao acessarem o local, encontraram apenas as últimas levas portuguesas atravessando o rio em direção a Salvador. A partir deste momento, a vila São Francisco se tornou um ponto estratégico de defesa do Brasil Holandês – como ficou chamada a área ocupada pelos invasores. Uma vez que a viagem entre Salvador e Olinda era perigosa durante a maior parte do ano, a passagem por terra era a melhor opção, o que levava ao acesso a Penedo. Portanto, uma reação contra os holandeses viria possivelmente deste ponto, atravessando o rio, o que levou Maurício de Nassau a construir o forte que batizou com seu primeiro nome, e que chegou a ser ocupado por 1600 soldados.

As representações cartográficas, por sua vez, oferecem um outro ponto de vista da vila e sua

rocha. Em uma imagem anônima, assemelhada a um certo esboço ou croqui para a construção do forte (Figura 4), observa-se a pedra em suas curvas de nível. Pode-se perceber como elas, de certa forma, dirigem o desenho urbano, ao orientar a ocupação do entorno da pedra e os caminhos que se dirigem ao rio. Em estudos anteriores foi possível demonstrar que o forte contornou a capela da vila, utilizando-a como parte das estruturas do forte (MUNIZ, 2010). Esta era uma prática bastante comum, visto que poucas edificações eram levantadas nestes ainda incipientes lugares urbanos com maior apuro. Assim, uma capela, em local central, não passaria sem a destinação de uso no forte. Por outro lado, vê-se que a capela foi implantada sobre a pedra, com ampla vista para o rio.

Na cartografia de Marcgraf, cartógrafo da comitiva, o forte é claramente representado sobre a rocha (Figura 5), que toma uma forma oval e amarelada, diferenciada das demais elevações existentes nos arredores, indicando a importância estratégica da pedra para defesa do Brasil Holandês.

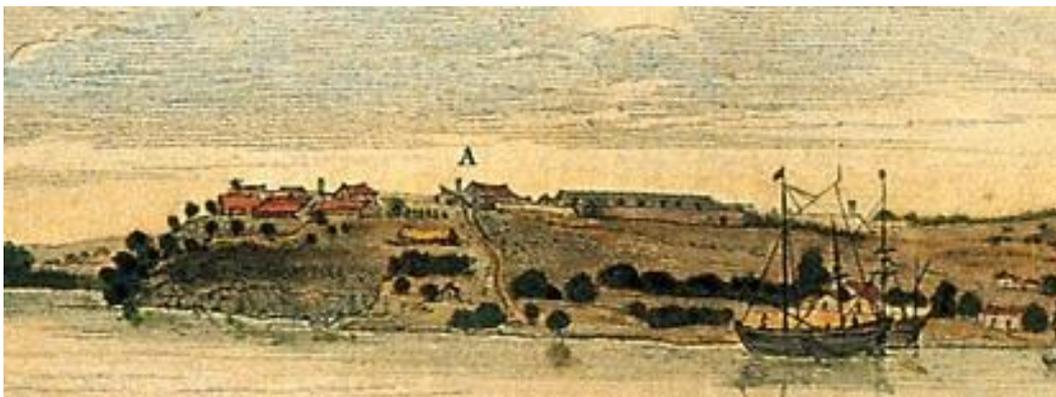


Figura 3. Imagem da vila São Francisco (Penedo) no século XVII, com o casario e o forte no alto. *Castrum Maurity Ad Ripam Flumini S. Francisci. Frans Post, 1647. Fonte: Barléu (1647)- Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.*

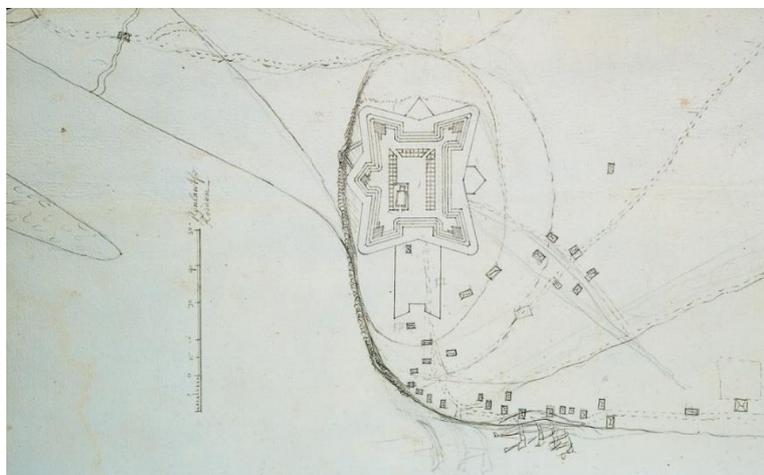


Figura 4. Mapa da vila São Francisco (Penedo) do século XVII, com o penedo em forma elíptica, o forte e a capela em seu interior. Imagem sem título (Forte Maurício). Autor desconhecido, 1637. Fonte: Reis (2000, p. 71).



Figura 5. Respectivamente mapa e detalhe da vila São Francisco (Penedo) no século XVII, com destaque para o penedo em forma oval e sobre ela, a representação do forte Maurício. *Castrum Mauritij*. Marcgrav, 1647. Fonte: Barléu (1647) - Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

Nos mapas, vê-se a rocha sendo destacada não apenas graficamente, mas também através das legendas. No mapa de Joan Vingboons, por exemplo, o item descreve um “rochedo alto com altura de 59 pés”⁴ referindo-se claramente à altura da rocha sobre a qual estava assentada do forte.

Anos depois, durante as lutas pela retomada da Capitania de Pernambuco pelos luso-espanhóis, a situação do forte foi um dos pontos que influenciou este episódio da guerra. Nos autos de Capitulação do Forte Maurício, podemos ver, entre as várias questões que influenciaram a rendição, como a falta de alimentos, de munições e de homens, também a impossibilidade de reconstruir as muralhas da fortaleza, que se encontravam abatidas pelas chuvas, ou cortá-la tornando-a menor e desta forma mais defensável pelos poucos homens disponíveis. Diante desta situação, os holandeses acabaram por optando por se entregarem.

Além disto, como se sabe, não há palissadas em torno da fortaleza, e as muralhas recentemente levantadas acham-se arruinadas e abatidas em consequência das continuadas chuvas, de modo que por fora são é fácil galgá-los. Está, pois, indicando a experiência militar, que com tão poucas forças é impossível defender tão largas obras contra adversários numerosos.

5°. Tão pouco não tivemos meios de cortar a fortaleza, pois, como assentada em pedras, dentro d’ella não se pode haver a terra necessária para levantar outra muralha. Outrossim, dado que fosse isto possível, faltar-nos-iam os materiais e homens que taes obras requerem, quando realizadas as pressas.

6°. A guarnição mal alimentada, desnudada, vigiando continuamente nas muralhas, começa a

sentir-se tão fraca e desalentada, que a continuar este estado de cousa, é impossível prevenir que se rebelle.

Por estas e outras considerações, depois de maduro conselho, temos resolvido, como pelo presente resolvemos, entrar amanhã, 18 do corrente, em ajustes com o inimigo, e aceitar as melhores condições que d’elle podermos obter (BROECK, 1877, p. 39-40)

Além dos fatos históricos, vê-se que a pedra cumpriu uma vasta agenda urbanística e arquitetônica. Além de orientar o desenho da vila, determinando a sua implantação, arruamento e disposição de edificações religiosas e residenciais. Foi, como se viu, o local destinado a receber uma das mais importantes obras realizadas pelos holandeses, qual seja, o forte Maurício.

Contudo, a rocha não cumpriu o papel apenas de base: foi largamente dilapidada para ser utilizada nas construções do lugar. Embora o forte tenha sido construído majoritariamente de barro, de certo também empregou a rocha, como também as igrejas e os mais antigos casarões de Penedo. Durante os séculos, foi sendo abatida para ser usada como material bruto das fundações, alvenaria e pisos. Foi lapidada para erigir colunas, servir de enquadramento de aberturas e pavimentar áreas mais nobres das construções. E, em trabalho minucioso, foi esculpida para se mostrar nos ornamentos.

No caso, tomaremos como exemplo o convento franciscano Nossa Senhora dos Anjos (Figura 6) para demonstrar o uso da pedra na arquitetura da cidade. Atualmente trata-se de um dos monumentos de Alagoas tombados em nível nacional. Construído a partir do século XVII, ocupa uma área em baixada

⁴ “Srijle ou sryle - klip hoog 59 vott”, Segundo grafado no mapa. Um pé equivale à 33cm. Cf: BUENO, 2003, p. 52.

dirigida ao rio São Francisco, não muito distante da parte mais visível da pedra.



Figura 6. Convento franciscano Nossa Senhora dos Anjos, que foi largamente ornamentado com a pedra do penedo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2015.

O alicerce para o início da edificação data de 1657. Em 1659, chegam os primeiros frades para levantar o recolhimento e o oratório e finalmente na data de 31 de julho de 1660 é lavrada a escritura que oficializa o início da construção. Embora aparentemente não se afigure que tenha sido edificado sobre a mesma, a pedra extraída do penedo foi encontrada em afloramentos circunscritos às imediações do convento. Utilizada tanto nos alicerces como na alvenaria, no entalhe das colunas, piso e na ornamentação da fachada (Figura 7) e de diversos detalhes construtivos, a pedra ajudou a fazer do convento e de sua igreja uma das mais importantes manifestações barrocas do Nordeste.

2. ARQUEOLOGIA DE PENEDO

O acompanhamento dos trabalhos arqueológicos no convento durante o ano de 2014⁵ permitiu observar o surgimento de estruturas rochosas no claustro, mas também nas áreas externas ao convento (Figura 8 e 9). Nesta circunstância, tendo como consultor do projeto o geólogo Antônio Gilberto Costa, afirmou-se que o conjunto rochoso se tratava de um afloramento natural de arenito, do mesmo tipo de pedra do penedo, o que conduziu à possibilidade desse afloramento ser uma continuidade daquela estrutura, conforme aventado anteriormente. Essa continuidade se encontra situada abaixo de camadas de sedimentos e de elementos antrópicos.

⁵ Refere-se às atividades realizadas pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, em acompanhamento aos trabalhos de arqueologia desenvolvidos pelo Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológico (NEPA) da Universidade Federal de Alagoas, com o apoio do IPHAN Alagoas. O Grupo teve como um dos seus consultores, o geólogo Antônio Gilberto Costa.



Figura 7. Ornamentos em pedra do penedo utilizados na fachada da igreja de Nossa Senhora dos Anjos. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2016.



Figura 8. Áreas escavadas pelo NEPA no claustro conventual em julho de 2014, onde foram encontrados afloramentos rochosos.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Segundo explicações do geólogo Antônio G. Costa, a escolha dos blocos ideais para edificações na época da construção do convento dependia principalmente da disponibilidade de pedras soltas no sítio e proximidades, evitando maiores esforços para extração das mesmas. Deste modo, segundo ele, o arenito - rocha mais resistente que o calcário, ainda que menos consolidado que o quartzito, o que lhe confere certa porosidade - provavelmente proporcionava boa oferta de blocos acessíveis, devido à presença de fissuras que destacavam algumas pedras naturalmente. Alguns desses blocos, inclusive, teriam sido trabalhados na própria jazida

(Figura 10), para apenas posteriormente serem levados para a construção, a exemplo das colunas da arcada do claustro.

Também devido às fissuras características do material, pedras pequenas podiam ser utilizadas na construção de algumas paredes, preenchendo o espaço entre blocos maiores na sua composição (Figura 11). Nesses pontos, o uso de argamassa se faz mais presente que no encontro de pedras maiores, tendo em vista a necessidade de melhor fixação. Ressaltou que o melhor aproveitamento

dessas rochas dependia do uso correto das pedras em relação à direção das fissuras. Nesse sentido, o corte paralelo às rachaduras seria a melhor forma de suportar os esforços de compressão e evitar o cisalhamento.

Esta constatação está também de acordo com a literatura. Germain Bazin (1956) afirma que foi frequente o uso da pedra, quando ela se apresentava farta no local, sendo empregada em abundância nos elementos aparentes e em trabalhos em cantaria.



Figura 9. Visita de campo às escavações onde foram encontrados afloramentos rochosos, com a presença dos consultores Antônio Gilberto Costa e Marcos Albuquerque e sua equipe de Arqueologia. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014.



Figura 10. Visita técnica com descrições de afloramentos da pedra do penedo realizadas pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em agosto de 2014. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.



Figura 11. Exemplos de pequenas pedras do penedo, que foram utilizadas na construção de paredes. À esquerda, parede interna da latrina; à direita, parte do muro posterior da cerca. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014.

Os séculos de exploração deste recurso acabaram por ocasionar impactos na formação rochosa. Ainda segundo Antônio Gilberto Costa, possivelmente, essa não teria a forma tão escarpada que apresenta hoje em dia, exibindo um perfil um pouco mais suave. Contudo, as contínuas extrações acabaram por modificar a sua forma original, causando inclusive impacto sobre as construções existentes sobre ela, como a Casa de Aposentadoria, que precisou receber um reforço, pois estava sob ameaça de desabar.

Mas além do convento que exhibe marcas concretas da apropriação da rocha, outras marcas se fazem menos visíveis, mas também importantes. É o caso da memória do forte Maurício, do qual não

restaram marcas edificadas. Contudo, estudos baseados nos desenhos dos holandeses do século XVII permitiram fazer algumas superposições (Figura 12) e levantar hipóteses sobre a localização e o aspecto arquitetônico do mesmo (Muniz, 2010).

Considerando estes estudos e caminhando pela área onde se situaria, o forte observa-se que duas áreas lajeadas pelas pedras da rocha restaram no local da sua antiga implantação. A primeira, que corresponde à área pavimentada de praça situada em frente à prefeitura da cidade, corresponderia à praça de armas (Figura 13). Esta pavimentação, ainda segundo Antônio Gilberto Costa, é também derivada do penedo.



Figura 12. Esquema mostrando a superposição do forte sobre o tecido urbano. Em vermelho, a posição do forte; em azul, a rua do Banheiro, e em laranja, o antigo piso feito de pedra do penedo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2016.



Figura 13. Áreas de calçamento de pedras provenientes do penedo, que estariam dentro da área do antigo forte Maurício. À esquerda, imagens do antigo piso em frente a prefeitura da cidade. À direita, diferença entre o calçamento de pedra do penedo e o atual, de paralelepípedo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014.

Por outro lado, a denominada Rua do Banheiro, calçada em pedra, continua um enigma. Ladeada por casas antigas e hoje, pobres, passava por baixo do forte e levava ao antigo porto (Figura 14).



Figura 14. Visita à Rua do Banheiro. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Finalmente, um fato interessante a destacar é que a grande rocha que deu o nome à cidade e a acompanhou desde os seus primórdios não é denominada entre a população como “penedo”. Ela recebe o nome de Rocheira.

O uso deste termo não é tão frequente, mas a princípio a palavra não causa estranhamento visto sua similaridade com o vocábulo rocha. Mas realizamos uma pesquisa em dicionários buscando o sentido da palavra. Consultando os mais conhecidos, como o de Aurélio Buarque de Holanda ou o Houaiss, de fato não se encontrou a palavra. A busca voltou-se então para antigos dicionários. No caso do *Vocabulário Português & Latino*, de Rapahel Bluteau (1638/1734), clérigo regular da Ordem de São Caetano que escreveu um dos mais antigos da língua portuguesa, ele não registra a palavra rocheira. O mesmo ocorre com o *Diccionario da lingua portuguesa* de Antonio de Moraes Silva (1789) e o *Diccionario da Lingua Brasileira* de Luiz Maria da Silva Pinto (1832).

Contudo, Bluteau apresenta a palavra “roque”, segundo ele, termo do jogo de xadrez que denomina um tipo de movimento por barra ou linha direta que envolve a torre e o rei, realizado para protegê-lo. Verificando algumas fontes, o nome adviria do inglês *rook*, ou torre, mas Bluteau afirma que o nome roque estaria ligado à rocha, pois em português porque significa torre ou fortaleza. Ele busca suas raízes mais antigas a partir do lugar onde teria sido inventado o jogo de xadrez e a localiza na língua dos persas, na qual significaria cavaleiro andante ou aventureiro. A palavra ainda guardaria similaridade com roqueiro ou roqueira, ou seja, a peça de artilharia que dispara balas de pedra.

Por sua vez, esta palavra estaria por trás do castelo roqueiro, ou seja, aquele que é erguido sobre uma rocha. Na história das fortificações em Portugal, o castelo roqueiro nomeia as primeiras estruturas amuralhadas defensivas surgidas ao longo dos séculos IX e X, em um período de povoamento esparso do seu território. Eram em geral construídos pelo impulso comunitário, no sentido de protegerem-se dos assédios dos inimigos. Tratavam-se de estruturas simples que aproveitavam das peculiaridades de afloramentos rochosos situados em locais elevados, constituídas basicamente de muros de pedra aparelhada e argamassa (CORREIA, 2011:38).

O Dicionario da Lingua Portugueza de Antonio de Moraes Silva (1789) e o Dicionario da Língua Brasileira de Luiz Maria da Silva Pinto (1832) também listam, como Bluteau, a palavra roqueiro e a descrevem em sentido semelhante ao mencionado pelo autor.

Quanto à denominação penedo, ela é usual no Brasil e nomeia uma grande massa de rocha saliente nas encostas, no alto de um morro ou ainda nos mares e no leito de rios e lagos, constituída pelo afloramento de rocha nua. A palavra comparece no vocabulário de Portugal e Espanha. Aqui dá nome a um município em Alagoas, a um distrito em Itatiaia, no Rio de Janeiro e em outro em Maranguape, no Ceará.

Caberia a seguir, buscar na história da cidade de Penedo, possíveis vínculos que justificassem o uso da palavra Rocheira. Uma das possibilidades seria que a palavra empregada para dar o nome à rocha fosse fruto de uma memória na longa duração, vinculando a existência da pedra a alguma antiga fortificação. Assim, o nome traria novamente à baila o próprio forte Maurício, como se viu, construído naquele local. Ou, até mesmo, a uma estrutura de defesa ainda mais antiga, ao modo dos castelos roqueiros, que teria sido implantada pelos portugueses, visto que a história da cidade é vinculada à segurança da foz do rio São Francisco. Do nome roqueiro poderia ter deslizado para a denominação rocheira, mais próxima portanto da rocha.

O que se pode ponderar é que, entre o penedo e a rocheira, embora o primeiro dê o nome oficial à cidade, este não venceu a memória ou a força de uma memória que nomeia a pedra “Rocheira” até os dias de hoje.

Na atualidade, Rocheira se tornou o nome de um bairro onde o penedo se localiza. Recebeu

modificações no século XX, durante o governo Raimundo Marinho, que construiu guaritas, balastradas e mirantes no seu entorno (Figura 15). Recebeu também o restaurante Forte da Roqueira, que por décadas habita a pedra, oscilando entre ser um ponto turístico e um acréscimo pitoresco ou de mau gosto que adentrou rocha adentro. Suas entranhas guardam também histórias de túneis, ligando o rio ao convento, ou o convento ao forte, ao modo em que ocorre nas memórias populares de inúmeras antigas cidades no Brasil. Atualmente, a Roqueira é uma área esquecida da cidade. Apesar da beleza do lugar, da incrível paisagem do rio São Francisco que se pode descortinar da sua base ou do seu alto, o lugar passou a acumular relatos de violência e portanto, tornou-se pouco frequentada.



Figura 15. À esquerda, imagens da Roqueira, com uma das guaritas construídas por Raimundo Marinho, e mais ao longe, o restaurante Forte da Roqueira, com o reforço da Casa de Aposentadoria logo acima. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014.

3. CONCLUSÕES

Concluindo, este estudo buscou reunir dados que mostram como a história urbana pode ser narrada a partir das suas rochas. Tentou-se demonstrar, no caso de Penedo, que seu papel pode ir muito além de servir de base à cidade e de fornecer material à sua construção. Pois, no caso em tela, é patrimônio

natural, perfilado sobre o rio, sobre o antigo porto. É patrimônio estético, pelas características do seu perfil, por servir de local de contemplação das paisagens do entorno e de pores do sol. É patrimônio material, por sua própria força mas também à medida que suas partes penetram nos mais significativos monumentos de Penedo. É patrimônio intangível, pelas histórias e lendas que acumula. Inclusive, a que envolve o próprio nome da cidade e a denominação popular da rocha.

Espera-se que no futuro estes dados possam embasar uma proposta de seu tombamento, a partir destes seus vários significados e papéis que desempenhou e desempenha na sua história e memória da cidade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARLÉU, G. **Histórias feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Biblioteca Nacional, s.d. (Cd-rom).
- BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.
- BROECK, Matheus Van Den. **Diário ou narração histórica de Matheus van den Broeck - Atos de capitulação do Forte Maurício**. Rio de Janeiro: **Revista do Instituto Histórico Brasileiro**. Tomo XL – Parte I – 1877.
- BUENO, Beatriz Piccoloto Siqueira. **Desenho e designio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)**. São Paulo: s. ed., 2003.
- CAROATÁ, José Próspero S. **Crônica do Penedo**. Maceió, Editora do Departamento Estadual de Cultura, 1962.
- CORREIA, Luis Miguel Maldonado de Vasconcelos. **Castelos em Portugal – retrato do seu perfil arquitetônico**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.
- JABOATAM, Fr. António de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico, ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil** (Fac-símile das edições de 1859, 1861, 1862. Recife: Assembléia Legislativa do Estado. 1980.
- LIMA, Ivan Fernandes. **Ocupação Espacial do Estado de Alagoas**. Maceió, 1992.
- MÉRO, Ernani Otacílio. **A História do Penedo**. Maceió: [s.n.], 1974.
- MUNIZ, B. M. **Escavando a história: um estudo do Forte Maurício no contexto da Arquitetura Militar do século XVII**. 2010. (Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado). Maceió: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, 2010.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goyaz**. Na Typographia de Silva, 1832.
- REIS, Nestor Goulart. **Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial**. São Paulo: Fapesp, 2000.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil: 1500-1627**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.

SILVA, Antonio Moraes. **Dicionário da língua portuguesa** - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SILVA, Maria Angélica da (org). **O olhar holandês e o Novo Mundo**. Maceió: Edufal/ Imprensa Oficial, 2011.

VALENTE, Aminadab. **Penedo sua história**. Maceió, s.ed. 1957.

Contribuição ao

1º. Simpósio Brasileiro de Caracterização e Conservação da Pedra
14 a 16 de dezembro de 2016, Congonhas – MG

Nota:

É de responsabilidade da comissão editorial do Simpósio a revisão gramatical, ortográfica, de citações e referências bibliográficas. As normas de submissão podem se diferenciar das desta revista.